

poesia de bolso

**ana
martins
marques**

**a vida
submarina**



altar
guarda-roupa
piscina
banheiro
encanamento
mesa

a outra noite

Batata quente
Navios
O desejo
Bilhete
Casa de praia
Mapa
A concha
Confissão
A casa
Rito
Conversações
Leque
Diário (verão de 2007)
Seda
O aquário
Como o alpinista
Iceberg
Nirvana
Hotel
Jardim de inverno
A viagem
A outra noite

episteme & epiderme

6 posições para ler
Insônia
Ofício
Relâmpagos

Dardo
Sobretudo
Alegria
Esforços de dicionário

exercícios para a noite e o dia

Penélope (I)
Manhã
Agenda
Noite adentro
Horóscopo
Pesos e medidas
Novembro
Memória (I)
Verão
Álbum
Paisagem de hotel
O inquilino
Migalhas
Aritmética
Memória (II)
Penélope (II)

caderno de caligrafia

Papéis
Três cidades e um braço de mar
Três ipês
Dez desenhos escritos
O lutador
Senha para Cecília
Self safári (Carta para Ana C.)
Nanquim
Declaração
Criança
Penélope (III)

a vida submarina

Linha de arrebentação

Marinha

Irmãs

Arquipélago

O divórcio como sacramento

Penélope (IV)

Uma praia

A vida submarina

Timidez

Hospitalidade

Penélope (V)

Figo

Penélope (vi)

Sobre a autora

barcos de papel

Âncora

O sol percorre
toda a extensão de um muro

Riscos na paisagem
escrita a lápis

A rua começa desde a escrita —
esta em que te sigo

Este poema é uma âncora:
é para que você fique sempre aqui

Mas fogem as horas sem carícias
horas que são como um tanque de peixes sem peixes

A minha mão cobre a sua
com sua sombra

Este poema, pesado, afunda.

Em branco

Dizem que Cézanne
quando certa vez pintou um quadro
deixando inacabada parte de uma maçã
pintou apenas a parte da maçã
que compreendia.

É por isso
meu amor
que eu dedico a você
este poema
em branco.

Margem

No final da página
como no final do mundo antigo
há um despenhadeiro.

Embora os que leem prosa em geral
se arrisquem mais
porque chegam quase à beira do abismo
cuidado ao chegar à borda do poema.

Espelho

Dentro do armário
do seu quarto de dormir
deve haver um espelho.

Se você sai
e deixa o armário aberto
durante todo o dia
o espelho reflete
um pedaço da sua cama
desfeita.

Se você sai
e deixa a porta fechada
durante todo o dia
o espelho reflete o escuro
do seu armário de roupas,
a luz contida dos vidros
de perfume.

Do outro lado do poema
não há nada.

Jardim

Se o jardineiro abandonasse no meio a tarefa
e cansado se sentasse numa cadeira
e gastasse toda a tarde
sob rosas gordas que são apenas rosas
e cegam de alegria
enquanto o jardim
nele mesmo
se contorce
tirando de dentro de si
o sexo intrincado das camélias
e a morte e a loucura dos lírios
e o tédio suburbano das goiabas
sob comoções antigas
talvez se sentisse um poeta
olhando o poema
que não sabe terminar.

Caixa de costura

Linhas soltas
brancas rubras
negras
emaranhadas:
a confusão é sempre enredar-se
em si mesmo.

Não há ternura
nos olhos do gato
que fita o novelo:
apenas atenção
para a narrativa.

O poema cerze
o que não tem reparo.

Aquário

Os peixes são tristes no aquário
mesmo que não conheçam o mar
alguma coisa neles quer o amplo.

No poema
morrem sem água
na primeira estrofe.

Vaso

Moldar em torno do nada
uma forma
aberta e fechada.

Palavra por palavra
o poema circunscribe seu vazio.

Barcos de papel

Os poemas em geral são feitos de palavras
no papel
seria melhor se fossem de pano
porque poderiam tomar chuva
ou de madeira
porque sustentariam uma casa
mas em geral são feitos de palavras
no papel
e por isso servem para poucas coisas
entre as quais não se encontra
tomar chuva
ou sustentar uma casa.

Dobrados sobre si mesmos,
lançam-se no mundo
com a coragem suicida
dos barcos de papel.

Lição de casa

Se as professoras soubessem
dos riscos
não mandavam escolares
escreverem poesia.

Ao contrário
nos livros de poesia
deveria estar escrito:
não tente fazer em casa.

*image
not
available*

Relógios

Certos poemas atrasam-se sempre enquanto outros adiantam-se sem remédio.

Nos poemas o ponteiro dos segundos é mais lento que o das horas.

Mas ao menos ao poema em geral não é preciso dar corda.